

TRABALHO: ALGUNS MATIZES, CONTRAPONTO E UM POSICIONAMENTO

*Fátima Cristina de Oliveira**

Um dos debates mais importantes na atualidade versa sobre a “crise da sociedade do trabalho”, sinalizando a importância decrescente do trabalho. Este pensamento é defendido por diversos autores e vem ganhando destaque no âmbito acadêmico. Nesta linha de pensamento, Claus Offe, contrapondo-se ao pensamento clássico marxista da importância do trabalho no mundo capitalista como produção de valor, será o nosso objeto de reflexão.

O trabalho assalariado produtivo continua sendo a base da lógica de mais valor capitalista. Estudiosos posicionam-se defendendo o trabalho como base de processo produtivo da sociedade capitalista sem alterações dessas bases, mas, percebem sim, que há mudanças no eixo orientador do processo de trabalho promovido pelo avanço científico e tecnológico. Sem dúvida, o trabalho assalariado produtivo altera-se quantitativa e qualitativamente, o que não significa que ele perde sua importância social, desaparecendo como modo de produção na sociedade contemporânea.

* *Fátima Cristina de Oliveira é mestranda em Administração pela PUC/SP.*

Claus Offe, um dos principais adeptos da tese da crise da sociedade do trabalho, separa o pensamento clássico do qual faz parte o trabalho como categoria central explicativa da sociedade, do pensamento atual, no qual o trabalho assalariado se torna questionável. Qual a razão disto? Segundo ele:

“Esse questionamento confirma-se ao observar-se inicialmente a tônica temática da pesquisa, das conferências e das publicações atuais nas ciências sociais, considerando os pressupostos e os critérios de relevância aí mais ou menos explícitos. Assim procedendo, o exame de documentos do campo das ciências sociais, como catálogo de editoras, programas de fundações de fomento científico, índices de teses e monografias, permite encontrar diversos indícios pelo menos para a constatação negativa de que o trabalho e a posição do trabalhador no processo produtivo não é tratado como o principal princípio organizador das estruturas sociais, de que a dinâmica do desenvolvimento social não é de antemão conceptualizada como resultante de conflitos em torno da dominação no plano empresarial, de que a racionalidade capitalista industrial da otimização das condições técnico-organizacionais ou da relação meios/fins econômicos não é suposta como a racionalidade condutora da continuidade do desenvolvimento social, etc.”¹

A fragilidade de tal afirmação é premente e por isso Offe se apressa em fornecer “dados empíricos” para reforçar sua tese. Segundo ele, o papel fundamental do trabalho pode ser questionado ao se observar os “múltiplos aspectos empíricos do trabalho”. Expressa uma série de “dúvidas” a respeito da centralidade do trabalho: a) a inexistência de uma identidade coletiva na classe trabalhadora; b) o crescimento do número de trabalhadores empregados no setor de serviços; c) a perda de significado do trabalho para a população.

Os clássicos como Durkheim, Weber e Marx centralizaram sua atenção no papel do trabalho como categoria explicativa da sociedade, como elemento explicativo do mundo social. Marx, Weber e Durkheim, apesar das divergências metodológicas e dos resultados obtidos, elegeram o trabalho como ponto de partida do estudo social, isto por causa

1. Claus OFFE. *Trabalho e Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o Futuro da “Sociedade do Trabalho*, p.16.

da industrialização e do trabalho no século 19, a visão do conflito social, da integração (como via Durkheim), a proletarianização da força de trabalho e a racionalização. Elementos estes inseridos num contexto sócio-histórico que não fazem sentido no mundo atual na visão de Offe. Na verdade, o que Claus Offe faz é buscar refutar Marx, pois este é o único teórico que realmente fornece uma importância explicativa ao trabalho. Nesse sentido, focalizaremos o pensamento de Offe contrapondo-os principalmente à teoria de Marx e em alguns casos a Weber.

Offe coloca em questão a perda de significado do trabalho como “necessidade moral” no entender de Weber, e para Marx, identidade coletiva cultural e política; enfim, como significado social. Offe refuta a visão de Weber pela “erosão das tradições culturais religiosas e secularizadas” e pela expansão do “hedonismo consumista”, entre outros fatores. Ele acrescenta que o trabalho não pode constituir uma unidade subjetiva por dois motivos: mudança na estrutura temporal e condição de trabalho. Hoje, segundo ele, a continuidade entre formação e exercício profissional é mais uma exceção do que uma regra, e isto também é válido na própria continuidade da vida profissional. Além disso, há uma tendência de redução do tempo de trabalho e, conseqüentemente, de aumento do tempo livre, com o qual os elementos determinantes são outras experiências, orientações e necessidades. Pensar nessas alterações no mundo do trabalho como genéricas e incontestáveis é problemático ao olharmos para os países periféricos. É esclarecedora a colocação de Ricardo Antunes na questão da robotização, qualificação e desqualificação do trabalhador:

*“Supor a generalização dessa tendência sob o capitalismo contemporâneo — nele incluído o enorme contingente de trabalhadores do Terceiro Mundo — seria um enorme despropósito e acarretaria como conseqüência inevitável a própria destruição da economia de mercado, pela incapacidade de integralização do processo de acumulação de capital. Não sendo nem consumidores, nem assalariados, os robôs não poderiam participar do mercado. A simples sobrevivência da economia capitalista estaria, desse modo, comprometida”.*²

Para Offe, a tese do trabalho como condição para sobrevivência física perdeu sua validade nos estados liberais de bem-estar, em que a

2. Ricardo ANTUNES. *Adens ao Trabalho? Ensaios sobre as Metáforas e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, p. 51

seguridade social e a preferência pelo subemprego e desemprego produzem uma alternativa ao trabalho assalariado.

Offe se defronta novamente com a teoria marxista quando nega que o trabalho seja uma “condição de sobrevivência física” no mundo atual. Em primeiro lugar, o seu quadro analítico parece só levar em conta os países capitalistas superdesenvolvidos. Aliás, isto fica claro quando ele fundamenta sua tese dizendo que “os estados liberais do bem-estar” possibilitam, através da seguridade social, juntamente com a opção pelo subemprego, o viver sem trabalho. Além desta tese se circunscrever num espaço geográfico restrito e não podermos deixar de relacionar o bem estar do “primeiro mundo” com o mal estar dos “demais mundos”, ou seja, a questão da transferência internacional de mais valor, ela é inexata, pois toma uma determinada situação histórica como um estágio superior da história e que só pode seguir rumo ao “progresso” e, assim, se descarta a possibilidade existente de retrocesso. Aliás, a atual onda neoliberal e a perda de direitos sociais que lhe acompanha, o desemprego em massa e luta pelo mercado de trabalho, entre outros acontecimentos históricos contemporâneos, já são suficientes para refutá-lo.

É perceptível a mutação no mundo do trabalho, como a retração em alguns setores produtivos, evidenciando a diminuição do operariado conhecido até há algum tempo não muito distante dos dias de hoje. O caminho do capital tem trilhado outros rumos, evidenciando a “‘indústria de serviços’ quanto o pequeno e grande comércio, as finanças, os seguros, o setor de bens e serviços pessoais, de negócios, de divertimento, da saúde, os serviços legais e gerais”.³

A eliminação da sociedade do trabalho para Offe é certa com o caráter improdutivo do setor de serviços (desconsidera o “conteúdo material” na produção de serviços) na visão da produção global capitalista que para o autor não é caracterizado como trabalho no sentido marxiano do termo. O referido autor destaca a necessidade de se precisar o que significa trabalho em serviços, na medida em que busca argumentos para se opor ao conceito clássico de trabalho produtivo. Na tentativa de se fazer entender, afirma que:

“(...) nos casos em que as características do trabalho em serviços são, de fato, expressas explicitamente, observamos (assim que aban-

3. Ricardo ANTUNES. *Adens ao Trabalho? Ensaio sobre as Metáforas e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, citando Annunziato, p.43.

*donamos o nível das atividades, das organizações e das profissões específicas e passamos a considerar o trabalho em serviços como um todo), predominam quase que exclusivamente os atributos não materiais, que não podem ser armazenados ou transportados. O trabalho em serviços não é, ou é menos, susceptível à racionalização técnica e organizacional se comparado com o trabalho que produz bens. A produtividade do trabalho em serviços não pode ser medida e, por isso, seus padrões de produtividade não podem ser controlados. O trabalho em serviços não é produtivo (tanto no sentido da economia clássica quanto do marxismo), e assim por diante”.*⁴

Trabalho em dimensão genérica é o ato de criar coisas socialmente úteis que transformam o seu próprio executor, portanto imprescindível ao processo de hominização e humanização. O trabalho permite o intercâmbio material entre o homem e a natureza, concedendo a manutenção da vida humana. O trabalho é condição necessária para a manutenção social em todos os modos de produção, todos os processos de trabalho visam a alguma utilidade. Para Marx, trabalho é práxis social; nesse sentido, Lukács afirma:

*“Somente o trabalho tem em sua essência ontológica um declarado caráter intermediário: é em sua essência uma inter-relação entre o homem (sociedade) e natureza, seja inorgânica (...) ou orgânica (...), inter-relação que (...) antes de tudo distingue a passagem, no homem que trabalha, do ser meramente biológico àquele tornado social”.*⁵

Com o advento do capitalismo, a produção de coisas úteis é submetida à produção de mais-valor que faz o processo de produção somente ser relevante se promover a expansão do capital.

Estas considerações pretendem chamar a atenção para o posicionamento de Offe ao pensar o setor de serviços como aleatório ao mundo do trabalho capitalista. Serviço também é uma atividade humana e, portanto, também é trabalho. De acordo com a teoria marxista, a quantidade de pessoas empregadas na indústria ou no setor de serviços

4. Claus OFFE, *Trabalho e Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o Futuro da “Sociedade do Trabalho*, p. 135.

5. G. LUKÁCS, “As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem, p.14.

não altera em nada a importância relativa de um ou de outro. Na verdade, é a produção de mais-valia que é a questão fundamental. O setor de serviços, em sua *aparência exterior*, não produz mais-valia, não possuindo, desse modo, um papel determinante no desenvolvimento do modo de produção capitalista. Robert Kurz (1992) esclarece a dependência do setor de serviços da acumulação industrial, nesse sentido, carregada no seu interior de mais-valor nas suas diversas atuações.

A expansão do setor de serviços é apenas mais um aspecto do processo de invasão burguesa do cotidiano, através de um amplo movimento de competição, mercantilização e burocratização do conjunto das relações sociais.

Em tal contexto, é importante compreendermos o papel da “crise do mundo do trabalho” para o capitalismo, para entendermos melhor as novas artimanhas do capital articuladas ao momento histórico no qual vivemos. A questão central é posta sobre se a sociedade contemporânea é ou não regida pela lógica do capital, ou seja, do trabalho-lucro.

Para sustentar a tese de Offe da decrescente importância do trabalho na sociedade contemporânea, seria necessário comprovar que a produção de mais-valia foi superada ou então que foi subjugada por outra forma de produção. Entretanto, isto não é verdadeiro e nem este autor tenta fundamentar tal idéia. Somente no caso do fim da produção de mais-valia é que se poderia falar em “crise da sociedade do trabalho”. Como Offe não consegue refutar a teoria marxista do modo de produção capitalista e tudo que deriva daí, não há como dizer que as idéias de Marx sobre a centralidade do trabalho e suas relações com o capital estão superadas. Antunes coloca muito bem o posicionamento de Marx:

“Portanto, a tendência apontada por Marx — cuja efetivação plena supõe a ruptura em relação à lógica do capital — deixa evidenciado que, enquanto perdurar o modo de produção capitalista, não pode se concretizar a eliminação do trabalho como fonte criadora de valor, mas isto sim, uma mudança no interior do processo de trabalho, que decorre do avanço científico e tecnológico e que se configura pelo peso crescente da dimensão mais qualificada do trabalho, pela intelectualização do trabalho social”.⁶

6. Ricardo ANTUNES, *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metáforas e a Centralidade do Mundo do Trabalho* p. 50.

As artimanhas da ideologia capitalista tentam envolver os diversos setores da sociedade, se colocando como fragilizada, a fim de se realimentar com o produto de uma nova divisão internacional do trabalho, de uma nova divisão de mercados mundiais, de uma nova base tecnológica para a produção, de uma nova forma de organização do processo produtivo, entre outros fatores. É o capitalismo tentando equacionar suas contradições e vendo-as reaparecer em um nível mais elevado, sob novas formas. A essência é a mesma, ou seja a exploração.

Um posicionamento renovado

Mas deixando o plano da ideologia para outra oportunidade, podemos dizer que o trabalho assalariado produtivo continua sendo a base da produção e reprodução da sociedade contemporânea e por isso não há como buscar dizer que ele está em momento de transformação. Sem dúvida, o trabalho assalariado produtivo está diminuindo quantitativamente, mas isto não significa que ele perde sua importância social, pois sua importância não vem do seu “quantum” e sim de sua característica de elemento constituinte da sociedade capitalista. Marx já dizia que, durante o período manufatureiro, a supremacia do capital comercial fornecia o predomínio do capital industrial. Posteriormente, o capital industrial passou a caminhar com as próprias pernas e a sua supremacia traz consigo a supremacia comercial. Isto quer dizer que para o capital industrial predominar não é necessário que ele seja quantitativamente superior a outras formas de produção. Por conseguinte, o capital industrial continua coordenando o desenvolvimento da sociedade contemporânea e ele se fundamenta sobre o trabalho assalariado produtivo.

Também não se pode negar que a revolução tecnológica e o desemprego em massa, cujo processo ocorre de forma mais avançada nos países capitalistas superdesenvolvidos, estão corroendo as bases da sociedade capitalista. Entretanto, isto não significa, ao mesmo tempo, corroer a base de sua superação, ou seja, destruir o proletariado, que é potencialmente quem pode minar as suas bases. Certamente o proletariado é uma classe mais concreta do que nunca, que possui a possibilidade de eliminar as relações de produção capitalistas e instaurar novas relações de produção e, conseqüentemente, alterar qualitativamente a forma de ser do trabalho. Para que ele faça isso, é preciso que ele passe a dirigir o processo de produção. Mesmo com a diminuição quantitativa dos postos de trabalho, não implica impossibilidade de luta pela transformação social.

Dessa forma, não está descartada a possibilidade de revolução social nos moldes apontados por Marx, como alguns esbravejam por aí.

O processo de transformação social não deve ser banalizado, principalmente observando que a produção de mais-valor continua existindo e dominando a sociedade moderna, mas, ao mesmo tempo, com o processo de revolução tecnológica e desemprego em massa, ocorre a queda da taxa de lucro médio, tal como Marx havia colocado.

Cada vez mais se aumenta o uso de trabalho morto (tecnologia), que apenas repassa o seu valor às mercadorias, e cada vez menos se utiliza do trabalho vivo (força de trabalho), que produz mais-valor. Isto aumenta a composição orgânica do capital e cria uma situação de impasse do capital. Além disso, a massa de desempregados se torna uma forte aliada do proletariado e dos demais setores sociais que buscam a transformação social. Sem dúvida, o estado capitalista e a burguesia buscam criar contra-tendências (tanto no nível “econômico, quanto nos demais níveis) e inviabilizar tal processo, mas mesmo assim a crise e a possibilidade de uma mudança revolucionária estão postas. Outra alternativa é a volta do nazifascismo e a guerra e, conseqüentemente, a destruição em massa das forças produtivas, o que restauraria, por algum tempo, o crescimento capitalista.

Independentemente das possibilidades de resolução capitalista, deixando de lado todos os modismos acadêmicos, o mundo do trabalho continua explicando a realidade social. Isto significa, simultaneamente, que o trabalho assalariado ainda é o pilar que sustenta a moderna sociedade burguesa e que qualquer tentativa de mudança radical necessariamente deve passar pela sua superação e isto só pode ocorrer com a ação do trabalhador. Ou, em outras palavras, tanto o trabalho assalariado quanto o proletariado submetido a ele e que é sua negação, não foram ultrapassados e nem perderam sua importância. Por conseguinte, se há uma “crise” da sociedade do trabalho assalariado não significa crise do proletariado e sim uma tendência de ascensão de seu movimento revolucionário. Esta ambição deve permear o nosso sonho de um amanhã realmente igual para todos e, portanto, mais feliz.

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metáforas e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo, Cortez, 1995.

- ENGELS, Friedrich. “Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem” In: *Obras Escolhidas*, VII. São Paulo, Alfa Omega, 1981.
- GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. 7ª Ed.. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.
- LUKACS, G. “As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem”, *Temas de Ciências Humanas*, n 4. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1981.
- KURZ, R. *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção Universitária Popular. São Paulo, Global, 1987.
- MARX, K. *A Miséria da Filosofia*. 2ª Ed. São Paulo, Global, 1989.
- OFFE, C. *Trabalho e Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o Futuro da “Sociedade do Trabalho”*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.
- _____. “O Crescimento do Setor de Serviços”. In: *Capitalismo Desorganizado: Transformações Contemporânea do Trabalho e da Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RIFKIN, J. *O Fim dos Empregos*. São Paulo, Makron Books, 1996.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 5ª ed., São Paulo, 1987.